

MAUS: O ANIMAL AUTOBIOGRÁFICO E A HUMANIDADE RESTAURADA

BRUNO BEHLING¹;
HELANO JADER CAVALCANTI RIBEIRO²;

¹Acadêmico do curso de Letras – Português/Alemão – e mestrando em Literatura Comparada da UFPel; bolsista FAPERGS 2015-2016, integrante do grupo de pesquisa “O que resta do mito nazista: leituras críticas sobre o nacional-socialismo no contemporâneo” – apenasbruno@yahoo.com.br

²Doutor em Letras – Literatura Comparada; Professor no Centro de Letras e Comunicação da UFPel, orientador e co-autor; – hcrireiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

“Maus: a história de um sobrevivente” é uma *Graphic Novel* criada pelo sueco-americano Art Spiegelman. A obra foi seriada e lançada em capítulos entre os anos 1980 e 1991, na revista americana *Raw*, da qual o próprio Spiegelman e sua esposa, a francesa Françoise Mouly, eram editores. Ainda em 1991, todos os capítulos foram compilados em livro e, em 1992, *Maus* foi agraciado com o renomado Prêmio Pulitzer.

A obra é dividida em duas partes: a primeira, nomeada “MEU PAI SANGRA HISTÓRIA”, contém seis capítulos. A segunda, por sua vez, com o título “E AQUI MEUS PROBLEMAS COMEÇARAM”, possui apenas cinco capítulos.

O livro relata a história de um sobrevivente: Vladek Spiegelman, o pai de Art Spiegelman, o autor que assina a obra. O fato de os nomes dos personagens se referenciarem a pessoas e eventos reais, e principalmente por serem relativos ao próprio autor e ao seu pai, nos mostra que a *Graphic Novel* possui um evidente caráter autoficcional.

“A autoficção é uma máquina produtora de mitos do escritor, que funciona tanto nas passagens em que se relatam vivências do narrador quanto naqueles momentos da narrativa em que o autor introduz no relato uma referência à própria escrita, ou seja, a pergunta pelo lugar da fala (O que é ser escritor? Como é o processo de escrita? Quem diz eu?). Reconhecer que a matéria da autoficção não é a biografia mesma e sim o mito do escritor, me permite chegar próximos da definição que interessa para minha argumentação. Qual a relação do mito com a autoficção?” (KLINGER, 2012, p.47)

Além de ser a história de um sobrevivente – Vladek – *Maus* é, igualmente, pelo menos mais duas histórias: uma sobre a reaproximação entre pai e filho; a segunda, é sobre a própria produção e composição da obra, que se deu por meio de entrevistas que Art realizava durante visitas a Vladek.

“Confundindo as noções de verdade e ilusão, o autor desafia a capacidade do leitor de “cessar de descrever”. Assim, o que interessa na autoficção não é a relação do texto com a vida autor, e sim a do texto como forma de criação de um mito, o mito do escritor.” (KLINGER, 2012, p.45)

Em *Maus*, cada grupo de personagens é representado por um animal antropomórficos diferente. Os judeus são representados por ratos. Vladek e Anja, mãe de Art, eram judeus poloneses. Sendo assim, Art também representa a si próprio como um rato. Os poloneses não-judeus são representados por porcos. Os alemães, são gatos. Os americanos, cachorros. Essas são os principais grupos apresentados na obra, no entanto há também outros animais: peixes, que são os ingleses; uma espécie de borboleta ou joaninha para representar uma cigana; os alces, que são os suecos (depois da libertação de Auschwitz Vladek vai para a Suécia); e os sapos, que são a representação dos franceses.

Em grego existiam duas palavras para o que conhecemos hoje simplesmente por “vida”. A primeira é *bios*; a segunda, *zoé*. *Bios* é a vida racional, política, a vida de indivíduos ou de grupos livres, que podiam votar, pensar. É o biológico. *Zoé*, pelo contrário, remete a zoológico, à vida animal, irracional, ou seja, uma vida não qualificada e nem política. E o que o regime nazista promoveu foi justamente a redução do povo judeu a *zoé*. Os judeus foram, então, na Alemanha, considerados seres desqualificados, sem direitos, reduzidos a uma sub-raça, como algum tipo de animal.

O presente trabalho visa, portanto, a analisar aspectos autoficcionais na *Graphic Novel* “Maus: a história de um sobrevivente”, de Art Spiegelman, bem como explorar a questão da utilização de animais antropomórficos como representação de personagens humanos e alguns de seus possíveis significados.

2. METODOLOGIA

Este trabalho resulta de encontros de um grupo de pesquisa intitulado “*O que resta do mito nazista: leituras críticas sobre o nacional-socialismo no contemporâneo*”, de leituras teóricas pertinentes ao tema da pesquisa e de orientação individual sobre a obra específica escolhida por cada pesquisador.

À priori, a base teórica para realização desta pesquisa é a análise de obras teóricas como “Escritas de si, escritas do outro”, de Diana Klinger, a qual também trata de conceitos como performance e representação - os quais são caros a este trabalho; Jacques Derrida, com sua obra “O animal que logo sou”; O conceito de “devir-animal”, de Deleuze, sobre, grosso modo, resistência; e Didi-Huberman, que em “Sobrevivência dos vaga-lumes” nos instrui a utilizar os canais já existentes na sociedade para que resistamos intelectual, artística e politicamente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A nossa hipótese aqui toma como base o que postula Derrida, discorrendo sobre o seu conceito de “*animot*”, isto é, a junção das palavras “*animaux e mot*” (animais e palavra), aduz:

“O sufixo *mot*, em *animot*, deveria nos fazer voltar à palavra [*mot*], e mesmo à palavra chamada nome. Ele abre a experiência referen-

cial da coisa como tal, como o que ela é em seu ser, e portanto, a essa problemática pela qual sempre se quis fazer passar o limite, o único e indizível limite que separaria o homem do animal, a saber, a palavra, a linguagem nominal da palavra, a voz que nomeia, e quem nomeia a coisa enquanto tal, tal como ela aparece em seu ser [...]. O animal seria em última instância privado de palavra, dessa palavra que se chama nome." (DERRIDA, 2011, p.88)

Sendo assim, a voz, a capacidade de dar nomes, a qual, no antigo testamento, Deus outorgou ao homem, para que este dominasse todas as outras criaturas, é retirada do povo judeu. Eles perdem a capacidade de nomear por terem sido extirpados do direito à voz.

Spiegelman, em *Maus*, representando cada grupo como um animal, faz o processo inverso: ele dá voz aos animais e, a mais do que todos, aos ratos, grupo de que o personagem Art faz parte. Spiegelman dá novamente a Vladek e ao povo judeu a capacidade de nomear, de falar. Apesar dos duros relatos de tempos de perseguições do povo que culminaram, inúmeras vezes, na ida aos campos e, não raro, à câmara de gás, pela voz, os "ratos" têm outra vez direitos.

Pretendemos que esta pesquisa resulte em, pelo menos, dois artigos sobre "*Maus*". O primeiro explorando os aspectos autobiográficos, as questões de representação na obra e a redução de humanos em animais; e o segundo, enfocando, sobretudo, no aspecto de resistência pelo qual se caracteriza a escrita da obra, bem como o aprofundamento de ideias supramencionadas, como a restauração da humanidade por meio da paradoxal representação do humano por animais.

4. CONCLUSÕES

A transposição do ser humano para o corpo de um animal, isto é, a escolha de representar uma pessoa como um bicho que não apenas carrega um nome mas que a quem também é atribuída uma história e, mais especificamente, a própria história do autor, é sobremodo significativa.

Por óbvio que os ratos antropomórficos não são apenas ratos e, além do mais, a posição do autor é especialmente particular por ser de grande ambivalência e ambiguidade. Interessa-nos o fato de que Spiegelman coloca em perspectiva a *Shoah* - o genocídio, especialmente de judeus, que ocorreu durante a segunda guerra mundial sob o regime da Alemanha nazista -, e a ressignifica de modo inovador - tanto pela representação com animais quanto pelo fato de isso acontecer em quadrinhos -, dando força crítica ao evento, porém, acima de tudo, enfatizando toda a *bios* que existe naqueles que foram um dia considerados apenas zoé.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: Lógica da Sensação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol.4**. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **O Anti-Édipo – capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

DERRIDA, Jaques. **O animal que logo sou**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

DIDI-HUBERMANN, Georges. **Sobrevivência dos Vaga-Lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

_____. **Quando as imagens tocam o real**. Pós: Belo Horizonte, vol. 2, n. 4, p. 204 – 219, nov. 2012.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo: História, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012

SPIEGELMAN, Art. **Maus: a história de um sobrevivente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.